



Jesus-Christo chamando a si os meninos

*Sinite parvulos et nolite eos prohibere ad me venire...* disse Jesus-Christo, quando instrua os seus discipulos na pratica de doutrinas tão simples e ao mesmo tempo tão elevadas, que deviam reflectir em todo o mundo, e preparar a nova humanidade christã para a civilisação a que tem chegado nos nossos dias, depois de dezoito seculos de provas e de progressos laboriosos, e aquellas tocantes palavras do divino mestre, resumem em si mesmo todo o christianismo: sciencia e instrucção para todos. Mas a sciencia não é dada com o sopro e a vida ao ser fraco e nú tal como apparece sobre a terra. Nascemos ignorantes, e assim ficariamos até á morte, se nossos paes não fossem obrigados, pela lei eterna, em virtude da qual toda a sociedade vive, progride e se rege, de nos fazer participar da instrucção. Mas as sociedades humanas estão constituidas de tal modo que a sciencia, este bem commum, esta condi-

ção essencial do bem estar geral, como diz o evangelho, não está ao alcance de todos, porque é necessario compral-a como se compram outros objectos de primeira necessidade, e nem todos podem compral-a. A admiravel lei da egualdade do christianismo, que chama todos os meninos, tanto os ricos como os pobres, á partilha commum da instrucção, será letra morta? A palavra de Christo, que é a palavra de Deus, será desconhecida? Não, sem duvida; porque nós chegamos pelo lento progresso dos seculos a este estado de civilisação que deve realizar o bello futuro promettido ao mundo por Aquelle que veio abrir a todos o livro da sciencia. Aquelles que têm a seu cargo dirigir as sociedades, e é a elles sobretudo que se dirigem as profundas lições do Evangelho, ainda não comprehenderam bem qual era o seu dever, e ao mesmo tempo o da honra da civilisação moderna, para levantar a

iniqua interdicção que pesa, desde tanto tempo, sobre as classes pobres, e de tornar a instrução uma coisa que se não pague a peso de ouro. O seculo XIX reivindicará para com a posteridade este bello titulo de gloria, realisando as bellas idéas de egualdade intellectual do seculo precedente; e tal é o poder de uma idéa chegada ao seu mais elevado gráo de maturidade, que se torna uma necessidade politica diante da qual não é permittido recuar. Os resultados da instrução primaria, gratuita, nascida de hontem, são immensos. Se lançarmos os olhos sobre a Europa, veremos, para vergonha nossa, que estamos a este respeito muito mais atrasados em comparação com a Inglaterra, Allemanha, Belgica, e Hollanda, aonde, relativamente, o numero de homens que sabem ler e escrever é mais consideravel do que entre nós. Em Portugal as boas e grandes idéas progridem, ainda que lentamente, mas é de esperar que dentro de pouco tempo estaremos nivelados com a Europa esclarecida e civilisada. Em França as escólas de caridade acolhem na capital ás crianças pobres, e dão-lhes a instrução religiosa e moral que reprime as tendencias viciosas e faz-lhes comprehender, sem commentarios pedantescos, a sublime lei de Deus tão singelamente formulada no Evangelho: «Trabalha para ser independente e sabio»; e nas provincias existem, já ha muito, escólas dirigidas por homens competentes, que propagam o movimento intellectual. Entre nós, nas provincias sobretudo, é lamentavel o estado da distribuição do pão do espirito, mas os governos esclarecidos, mais cedo ou mais tarde, hão de prover, com medidas energicas, a tão momentosa necessidade.

E d'este modo a lei do Evangelho, que é tambem a lei social, cumprir-se-ha. É este, na sua mais lata acceção, o sentido das palavras de Christo, que um philosopho moderno punha quasi sempre acima de todos os pomposos e inapplicaveis axiomas das philosophias humanas: *Sinite parvulos ad me...*

## POETAS E PROSADORES

### I

(Continuado de pag. 119)

Parece effectivamente que é rarissima a transmissão da cholera pelas caravanas; os germens epidemicos não resistem á viagem atravez dos longos ermos, disseminam-se e perdem-se. Mas a civilisação veio infelizmente obstar a essa sufocação da epidemia, collocando os seus rapidos vapores ao serviço dos peregrinos... e da cholera. Sobre estas relações entre esse flagello e o progresso escreveu um francez, Julio Girette, um livro pelo menos curioso — *La civilisation et le choléra*.

Mas a civilisação é como a lança de Achilles, as feridas que faz sabe tambem cural-as. Se o estreitarem-se os laços entre os differentes povos, se a frequencia e a cordialidade das communicações transmittem á Europa o flagello asiatico, tambem facilitaram uma reunião dos homens da sciencia mais esclarecidos da Europa na cidade

de Constantinopola, outr'ora cerrada a tudo quanto era progresso, tambem fizeram com que os governos á uma se sujeitassem, até ás vezes com prejuizo dos seus interesses, aos dictames d'esse congresso pacifico; o proprio governo turco foi o primeiro a acceder aos seus justos conselhos. Quem diria, mesmo no seculo passado, mesmo ha cincoenta annos, que em Constantinopola se havia de reunir uma conferencia sanitaria, e que o ministro dos negocios estrangeiros da sublime Porta, Aali-Pachá, lhe havia de inaugurar as sessões pronunciando em francez estas palavras, que merecem ser traduzidas porque mostram quanto se têm dilatado as conquistas da civilisação:

«Meus senhores. — Folgo de vos annunciar, em nome do meu augusto soberano, o prazer com que sua magestade imperial vos vê reunidos na sua capital.

«A missão toda philantropica, que está confiada ás vossas luzes, terá, estamos d'isso convencidos, o resultado que as augustas côrtes, representadas neste recinto, assim como toda a humanidade, d'ella esperam. Esta reunião, meus senhores, é uma prova incontestavel do passo immenso que a civilisação deu no nosso seculo. A fraternidade humana, essa lei fundamental de todo o progresso, ganha cada vez mais com as garantias mutuas que as nações civilisadas não cessam de dar umas ás outras. E que maior garantia se poderia offerecer á humanidade inteira, do que a que temos diante dos nossos olhos, isto é, a de vermos os governos, que marcham á testa da civilisação, concorrerem, pela escolha de pessoas tão distinctas e competentes, para o estudo e para a adopção de medidas preservadoras contra um flagello que opprime o genero humano!»

A fraternidade humana invocada por um sectario de Mahomet! Ah! se o indifferentismo-religioso corróe a geração presente, devemos confessar ao menos que a civilisação, quasi tão poderosa como o Evangelho, de quem é filha, vae sujeitando ao seu influxo os povos que pareciam menos dispostos a acolhel-a!

A conferencia, effectivamente, desempenhou-se com extremado zelo da missão que lhe fôra confiada. Estudou a fundo, dividindo-se em commissões, que apresentavam depois os seus relatorios ao congresso medico reunido para os discutir: 1.º a origem e genese da cholera, as questões de endemicidade, e epidemicidade da doenca na India; 2.º a importação e a transmissibilidade da doenca; 3.º as circumstancias da transmissão e os agentes porque se opera; 4.º a influencia das aglomerações, da disseminação e das condições hygienicas como causas adjuvantes nas epidemias de cholera; 5.º os attributos do principio gerador da cholera considerados debaixo do ponto de vista da prophylaxia; 6.º a marcha da cholera e o modo da sua propagação em 1865. Cada uma d'estas questões foi confiada a uma commissão especial.

Propoz além d'isso aos differentes governos as medidas preservadoras que se podiam tomar con-

tra a invasão e propagação do flagello; é conseguido mesmo estabelecer uma tal ou qual policia sanitaria nas romarias de Meka, essas enormes deslocações annuaes do mundo musulmano de leste a oeste, vehiculos habituaes da cholera, que, sendo trazida da India, da Persia, da Malasia pelos peregrinos orientaes, é depois transmittida ao occidente pelos peregrinos da Turquia, do Egypto, e dos Estados Barbaresces. Um artigo summamente interessante publicado pela *Revista dos dois mundos*, n'um dos numeros de 1867, e intitulado *La Péninsule arabique depuis cent ans — Les pèlerinages de Mecque*, presta a devida homenagem aos esforços da conferencia de Constantinopola para sujeitar ás prescripções da hygiene esses turbilhões de fanaticos musulmanos, que, recebendo os germens da cholera, os desenvolvem livremente n'esses esterquilinios que se chamam no oriente cidades.

A escolba do delegado portuguez recaio na pessoa a todos os respeitos mais competente. Além da proficiencia medica, reconhecida por todos, o sr. Bernardino Antonio Gomes possui vasta e solida erudição, que abrange mais do que o campo scientifico immediatamente ligado á medicina. Herdeiro d'um nome glorioso nos annaes da sciencia, e que o distincto medico da real camara ainda mais illustrou, o sr. doutor Gomes apparecia entre os seus collegas da conferencia com titulos já adquiridos que chamavam sobre elle a attenção d'esses sabios que constituíam a flor da medicina européa. Homem de fino tacto, e de illustração notavel, ninguem melhor do que elle podia entrar nos debates, que, segundo se deprehende do seu relatorio, apesar da modestia com que sempre falla de si, muitas vezes dirigio ou esclareceu. Que todos estes merecimentos foram devidamente apreciados pela conferencia, vê-se da consideração em que todos os membros sempre o tiveram, tanto que d'uma das seis comissões, em que se dividio o congresso (a 4.ª), apesar de contar no seu seio o doutor Fauvel, uma das glorias da faculdade franceza, foi o sr. Bernardino Antonio Gomes nomeado presidente.

Além dos serviços prestados á humanidade em geral, como membro da conferencia de Constantinopola, pelo delegado portuguez, aproveitou elle todas as occasiões que se lhe offereceram de prestar serviços relevantes á sua patria, reivindicando para ella glorias de que nos esbulhava a ignorancia em que os estrangeiros laboram acerca das nossas coisas. Póde-se ver um exemplo d'esse zelo tão proficuo para a gloria da patria no seguinte periodo d'esse relatorio, que passamos a transcrever:

«Na India existio sempre cholera; desde as primeiras occupações por europeus foi esta existencia assignalada pelos medicos que n'ellas tomaram parte, sendo um portuguez, Garcia da Horta, quem deu da cholera asiatica, com o nome de mordexi, muito boa descripção e a fez conhecer desde o meio do seculo XVI. Geralmente se attribue esta primeira noticia a Bontius, medico

hollandez, que escreveu no seculo immediato, mas menos exactamente, o que observámos e foi attendido no relatorio, fazendo-se justiça á memoria do medico portuguez, e recuando de mais de meio seculo o conhecimento alcançado a respeito da cholera asiatica.»

Não sou competente para avaliar o merecimento scientifico do relatorio; mas posso dizer que está escripto d'um modo lucido e grave, no estylo das obras de sciencia. Pela consideração manifestada em Constantinopola ao sr. doutor Gomes, e pela maneira com que foram sempre acolhidas as suas observações, se vê que o governo portuguez não podia ser mais dignamente representado.

São estas as obras em prosa que tem sido publicadas no longo periodo, em que me não foi possivel entregar-me aos trabalhos da critica litteraria. Se é licito collocar o meu nome ao lado de tantos nomes illustres, ou que promettem sel-o, direi que tambem n'esse periodo publiquei um romance historico intitulado *A Corte de D. João V.*

A caridade bem ordenada por nós deve ser... acabada.

(Continúa)

M. PINHEIRO CHAGAS.

## OS ANOS DA MINHA AVÓ

(Continuado de pag. 112)

### V

#### Ainda outra carta do nosso amigo

«CARISSIMO. — O estado de atonia da minha alma devera findar um dia, e quando eu menos o esperasse.

«Contava minha avó o seu septagessimo oitavo anniversario, e eu fui, como dever e costume, mergulhar-me n'aquella habitual atmospheria de insipidez, que tão bem se casava com a insipidez do meu espirito.

«As proximidades das festas carnavalescas promettiam ali certas liberdades, que a boa da minha velhinha, respeitadora sempre das praxes antigas, traduzia por jogos de prendas e danças de roda, em que ella e outras damas da sua idade desempenhavam os principaes papeis.

«Entre aquelle museu archeologico de seres masculinos e femininos, apparecia, como sempre, uma dama de alta sociedade e de elegantes maneiras, formosura no verdor da mocidade e apenas ligeiramente desbotada pelo halito do matrimonio, — se é que, perdendo no virginal frescor da donzella, não ganhava por isso muito mais no completo desenvolvimento dos attractivos da mulher. Alta, airosa, de olhar humido e languido, e ao mesmo tempo cheio de vida e fogo, cabellos pretos como os olhos, finos e luscios como as arqueadas sobranceilhas, seria uma mulher capaz de inspirar amor a um homem menos exigente do que eu, para cujo egoismo se levantava o vulto do marido como o de um rival.

«O coração que pede o amor puro, santo, exclusivo, da mocidade, não póde pulsar em impetos de desejo para a mulher do proximo, não porque lh'o véde a lei, tantas vezes postergada, do decalogo; mas porque não sabe tolerar essa partilha, embora tenuissima, que o marido tem

forçosamente na afeição da esposa. O homem que procura o goso só e exclusivamente, esse pôde soffrer tão repugnante communismo; mas a poesia do amor revolta-se contra elle. Eis os meus principios de moral, a tal respeito; não serão muito orthodoxos talvez, mas produzem para o bem estar social os mesmos resultados do que esse nosso andamento que pareceu exclusivamente escripto para tornar desigual o peso da lei divina para o homem e para a mulher.

«Mas de que servem todas as theorias e principios, diante da tentação de uns olhos que nos estão a dizer amor?»

«Eu conhecia de ha muito Clementina, e nunca os meus olhos se haviam fixado nos d'ella, mais do que para trocarmos o olhar puro e limpido de uma singela amizade, n'aquella noite porém cruzara-se entre nós uma d'essas correntes electricas, que levam a acreditar no fatalismo ou nas influências magneticas dos corpos animalizados. Era o amor.

«Vinha a revoltar-me contra elle a coorte dos principios assentes e estabelecidos, para ser vencida de certo; quando mais facil tornou a victoria uma caridosa conversação que a meia voz cochichavam duas santas almas de duas velhas, e que por acaso surprehendi.

«— Pobre rapariga, dizia uma, malfadada foi em tal casamento; pois bem mais merecia aquelle coração que eu vi desenvolver...

«— Pois qué, tornava a outra, não é o marido amicissimo d'ella?»

«— E isso basta, D. Theodora? Ora vamos que entre nós, companheiras desde os bons dias do convento, em que juntas fomos educadas, é lícito desafivelar a mascara que as conveniencias nos impõem e fallar francamente. Diga-me franca e lealmente, D. Theodora, pôde a amizade, a amizade só, ainda que seja de um marido, saciar o coração de uma donzella?»

«— Lá isso não, decerto... mas...

«— Mas... a amizade de um marido traduz-se por attentões e delicadezas ostensivas em publico, e por frias sollicitudes em particular: traduz-se pela compra de todos esses preciosos nada que as mulheres tanto estimam; e depois d'isso...

«— Nada para o coração! atalhou a velha interluctora.

«— Ora ahí tem!

«— Mas diga-me, D. Maria da Purificação, são isso meras suspeitas, ou tem a certeza do que affiança?»

«— Como quer que lh'o diga, minha amiguinha? Sei toda aquella vida tim tim por tim tim; conheci o marido de pequeno e a ella quasi que a vi nascer. Elle é um bom rapaz, mas incapacissimo de inspirar uma paixão seria a ninguem, e muito menos á mulher, que tinha aspirações muito mais romanticas.

«— Sempre isso me pareceu.

«— E é de facto. Ora seu marido não lhe fez amor antes do casamento, depois d'elle com toda a certeza que não; conheço-o muito bem para o poder affiançar.

«— Mas porque diz que não tiveram relações de amor em solteiros?»

«— Porque aquillo foi um enlace de convenção, e os noivos mal se conheceram antes do dia selemne uma ou duas semanas, se tanto!

«Eu não queria ouvir mais! Aquella mulher

que estava ali, scintillando faiscas humidas de sentimento dos olhos formosissimos, segundó a phrase de Lamartine, aquella mulher que me envolvia em uma nuvem de poesia e de amor era uma virgem de coração!

«Não sei dizer-vos como se passou o resto d'aquelle serão extraordinario. Minha avó e as meninas da sua creação cantaram o *De saudades morrerei*, o *Sobre um rochedo*, outra canção que dizia com grandes garganteados:

*Por entre os negros ciprestes  
Por meu nome ouvi chamar,  
Se é a morte que me chama,  
Adeus, que eu vou acabar...*

enfim, para nada ficar por desenterrar d'esta archeologia musical, até nem escapou a *Joven Lilia abandonada!*

«Confesso-vos, meu amigo, que este ambiente do passado, em que estava immerso o meu espirito, em vez de despertar-me estímulos para o escarneo, como em outra qualquer occasião aconteceria, inspirava-me um acatamento, uma veneração, como quando visitamos um templo quasi em ruinas, consagrado pelos seculos, em legendas archivadas nas paginas da historia.

«Depois, a muitas instancias de minha avó, a elegante senhora teve de condescender a cantar, mesmo sem acompanhamento, algumas das suas arias favoritas, expressando com todo o mimo do sentimento aquellas sublimes notas da *Traviata*, no *Addio d'elli passato* com que rematou o seu repertorio.

«E eu estava absorto, extatico, preso d'aquelles olhos fascinadores, sonhando desejos de cingir em meus braços aquella cintura flexivel, de estreitar na minha aquella mão delicada de dedos fusiformes e unhas rosadas, de oscular aquella fronte ensombrada pelas ondeantes madeixas dos seus negros cabellos! Minha avó, como que adivinhou aquelles deleitosos anhelos do meu coração, quando lembrou que se jogasse o *jogo do padre cura*. Clementina era a *assucena*, e eu, sem querer, sem attender ás leis da conveniencia, respondia, sempre que a monotona voz de alguma velha me despertava do meu extasi, por um *eu estava em casa da assucena*, tão espontaneo e tão ingenuo, como se fôra um namorado de dezesseis annos nos enlevamentos do primeiro amor!

«Vieram depois as sentenças, e eu, que na minha distracção para as leis do jogo, não atinára nunca com os tratamentos concedidos aos diferentes personagens d'elle, tive repetidas occasiões para estreitar nos braços Clementina, para lhe oscular mesmo a fronte alabastrina, nas *sentinelas de cupido*, nas idas para a *berlinda* e nas *cadeias de amor*, onde eu seguia sempre, ou chamava em meu auxilio a formosa senhora, muito a comprazimento da companhia, que julgavam enleal-a mais e melhor executar a sentença, obrigando-a a ser abraçada por um mancebo de trinta annos, do que por algum dos velhos da pleiade de sexagenários que gravitavam em torno de minha avó.

«O meu coração tremia de impaciencia e de esperanças sempre que a voz roufenha de D. Theodora perguntava o sacramental: *Que se hade fazer ao dono ou dona d'esta prenda?* receioso de que o juiz lavrasse alguma d'aquellas sentenças taes como *se o meu coração fosse condessa..... em*

cuja resposta se ostentava brilhante o espirito da formosa dama, mas em cuja execução me furtava o ensejo de cingil-a em meus braços mais uma vez.

«Ris-te d'estas pieguices, meu amigo! ris de certo e eu não te levo isso a mal; mas respeitame a prolixa e minuciosa relação que eu te faço d'ellas, quando te disser que ali, n'aquella noite, eu sentia dentro da minha alma o meu espirito puro e juvenil dos quatorze annos! o homem tinha-se esvaído n'aquella atmosphera, ficára apenas creança.

«Se não cederes ao primeiro frouxo de indomavel riso, pensa dois minutos apenas nos teus quinze annos, evoca a tua primavera florida de illusões e devaneios, e condemna-me depois!

«Esperava que houvesse findado para mim a ventura d'aquella noite memoranda, quando começaram as danças de roda em que a mão de Clementina se encostava frequentes vezes com a minha. Por fim minha avó exigiu que nós dois

dancassemos uma walsa. Nunca a condescendencia foi mais prompta a travez de uma fingida esquivanea; como nunca o capricho da boa velhinha fôra mais propicio aos nossos desejos.

«Na vertigem d'aquella dança, inventada por cupido para encantamento das graças, (perdoame a citação mythologica, em attenção a que eu vivi aquella magica noite em pleno seculo da Arcadia!), na vertigem d'aquella dança, que desperta o coração e enebria a alma, os meus labios roçaram no ouvido de Clementina e murmuraram baixinho: *amo-a*.

«Um aperto de mão foi a resposta apenas.

«Minha avó, que já por duas vezes bradára: — basta, que podem entontecer! tolheu-nos o passo n'aquella volta e fez-nos parar.

«Um estreitissimo e reciproco aperto de mão mareou a despedida.

«Estava lançada a minha sorte e escripto, com cores de idillio caseiro, o primeiro capitulo do meu romance! Vosso — *Ernesto.*»

C. B.



Hollanda — Amsterdam

A antiga capital de Hollanda é cercada por numerosas aldeias semeadas de habitações; o curso tranquillo do *Amstel*, que a atravessa e cujas margens estão guarnecidas, durante a estação propria, de prados floridos e de arvores vestidas de bella e virente folhagem, completam a brilhante prespectiva que apresentam os seus arrabaldes. Esta cidade cingida de fossos e muralhas convertidas em *boulevards*, não teme a approximação do inimigo; póde, sendo necessario, com o auxilio das suas représas, inundar todo o paiz que a cerca.

As ruas de Amsterdam, quasi todas alinhadas á borda dos canaes, são bem calçadas, guarnecidas de lagedo nos extremos (a que chamamos passeios) e de noite são sufficientemente illuminadas. Entre as melhores ha algumas que tem mais de meia legoa de extensão, e dir-se-hia, percorrendo a que tem a denominação de *Kalver-Straat*, assistir a uma exposição dos productos do reino. Figure-se uma rua de vinte pés de largo, de uma curvatura irregular, cujos passeios estreitos e desiguaes divididos por balaus-

tradas de ferro, estão quasi occupadas com amostras de todas as mercadorias imaginaveis; dos dois lados um renque de casas, com as frontarias pintadas, nas quaes brilham os estabelecimentos decorados minuciosamente, e repletos de baixo a cima, e sobre tudo á frente, de fazendas artisticamente collocadas. Julgar-se-hia, ao ver estes estabelecimentos, que eram abertos recentemente, pela novidade e conservação de todos os seus moveis. Todos os mercadores rivalisam na *coquetterie* das amostras das sua fazendas; o que tem de melhor está em exposição para assim attrahirem a curiosidade do publico e os compradores.

N'esta grande cidade o luxo dos estabelecimentos não consiste exclusivamente nos ornatos prodigalisados pelo architecto, como se vê em muitas cidades de Franca, é a profusão de fazenda que constitue o principal ornamento. Não ha profissão nem commercio que não tenha a sua exhibição seductora, até nas lojas aonde se vende a lenha por miudo se torna notavel a sua simetrica disposição.

As lojas de venda de tabacos tornam-se notáveis entre todas as outras pelo esplendor e elegancia, e o gosto pronunciado dos holandezes por este genero ali attrahe constantemente uma multidão de compradores. Os armazens de Amsterdam tem a particularidade de serem compostos de duas longas galerias das quaes os transeuntes podem fazer o circuito, ainda mesmo sem comprarem coisa alguma, accrescendo além d'isso ver se da rua toda a sua extensão. Junta-se ao attractivo d'esta elegancia e rica exhibição a ausencia completa de vehiculos pela rua, e suppor-se-ha qual a affluencia de curiosos e passeantes que a cruzam incessantemente.

Bellos edificios publicos fazem tambem realçar a riqueza commercial de Amsterdam: na praça da *Dam* ha uma magnifica construcção que serve de palacio ao rei, e que outr'ora foi a casa da camara. Nota-se-lhe sómente pouca harmonia nas proporções; porque tendo cento e dezeseis pés de altura, não comprehendendo uma torre, que tem quarenta e oito, não está em relação com a largura, que apenas tem cento e oitenta e dois e com a sua profundidade, que tem dusentos e vinte e dois pés. Este palacio foi construido sobre treze mil oitocentos e nove barrotes.

O interior d'este edificio, extremamente sumptuoso, attesta o esplendor da capital na época em que se construiu; por toda a parte se vê com profusão ornatos de toda a especie, marmores, estatuas e quadros. A sala da recepção é uma das mais vastas que existem na Europa — tem cento e vinte pés de comprimento e cincoenta e seis de largo e noventa e oito de *pé direito*. É atravessada por um meridiano que foi traçado por Huygheus, celebre mathematico e physico, que viveu no seculo XVII. Os marmores do chão, paredes e tecto, as columnas que supportam este, as bandeiras tomadas aos hespanhoes nas guerras que os holandezes outr'ora tiveram de sustentar contra elles para conquistar a sua independencia, decoram esta sala nobremente.

Edifica se em Hollanda de um modo mui diverso do que é costume nos outros paizes. Em lugar de começarem por assentar os alicerces, começam a construir de cima para baixo. Enormes espeques, fixados nas paredes dos predios proximos sustentam o tecto, pondo-lhe por cima uma leve cobertura de madeira. Colocado que seja o tecto começam a construcção do andar superior, e por isso ve-se muitas vezes e por muito tempo um tecto e um andar suspensos no ar, antes que se occupem da construcção das outras partes da casa. Resulta d'este systema de construcções, terem os pedreiros a vantagem de poderem trabalhar com todo o tempo, e de não serem damnificadas pelas chuvas nem pelo mau tempo, como acontece em muitos paizes, as partes inferiores dos predios.

Os holandezes gostam tanto do repouso e da solidão, que nas casas particulares dos abastados, raras vezes se correm as cortinas das janellas, conservando-se sempre fechadas. Em algumas casas, pequenos espelhos, collocados de certo modo nas janellas permitem aos preguiçosos, commodamente recostados nos seus divans, ver o que se passa na rua. Muitas vezes, tambem, um espelho disposto de maneira a projectar o que se passa no quarto immediato, annuncia a chegada d'um importuno.

Não é nosso proposito dar noticia dos usos e costumes da Hollanda, por isso terminamos este resumo, citando como muito notavel o edificio da bolsa, o qual é representado na gravura.

### ENTREGA DE HUNINGUE (1815)

O cerco da praça começou a 26 de junho, por um exercito de quinze mil austriacos e cinco mil suissos, sob as ordens do archi-duque João d'Austria. A trincheira abriu-se a 14 de agosto e foram assentes nas baterias cento e trinta canhões. Só depois de sessanta horas de bombardeamento é que o general Barbanègre fallou em capitular. Toda a sua força, que se compunha apenas de uns cincoenta homens, que pela pertinaz resistencia o inimigo julgou muito numerosa, saiu com as honras da guerra para se reunir ao exercito francez estacionado por detraz do Loire. O bravo defensor de Huningue falleceu em Pariz, em dezembro de 1830.

### ORIGENS DA POESIA HELLENICA

O HYMNO, A EPOPEA E O DRAMA

por Emilio Burnouf

II

(Continuado de pag. 108)

Vê-se, portanto, que toda a questão de Homero está ainda para se resolver, e que o compromisso de Otfried Muller deve ser definitivamente abandonado. O exame dos dialectos não nos mostra que as duas epopéas tenham sido feitas em épocas e logares muito distantes, apesar do colio dominar na Iliada e o jonio na Odysseá; mas ha entre ellas uma differença de linguagem muito mais profunda, porque enquanto na primeira se não encontra senão um pequeno numero de termos abstractos expressando idéas geraes, a outra contem-nos em abundancia, como se pôde verificar pela confrontação dos lexicons.

O theatro dos acontecimentos tambem não é uma prova absoluta de que os poemas tenham sido compostos em paizes diferentes; entretanto uma descripção local precisa e circunstanciada prova que o poeta habitou n'aquelle logar; quando ella é vaga, vê-se que elle não observou bem o sitio; quando é errada, prova ou que elle o não viu ou que já o não tem á vista; quando a descripção é phantastica então não conhece o local senão por ouvir fallar n'elle a outras pessoas que não lh'o pintaram com verdade. Ora na Iliada o poeta parece desconhecer quasi completamente os paizes mediterraneos do sul, este e oeste, da Grecia não faz nenhuma descripção exacta, e os logares são ali designados pelos epithetos mais geraes e menos significativos.

Pelo contrario, a costa da Asia Menor, sobre o mar Egeo, descreve-a elle com um conhecimento tão completo dos logares que não nos deixa duvida alguma de que os habitou.

O mesmo acontece a respeito de Troia. Percorri, com a Iliada na mão, aquella celebre planicie: tudo o que o poema diz d'Illion, do sitio, das fontes, dos rios, das collinas, dos tumulos, da praia plana, do porto entre dois promontorios, de Tenedos e dos cumes longinquos d'Imbros e da Samothracia, é completamente verdadeiro. A Iliada foi composta na costa da Asia Menor.

A maior parte das terras visitadas por Ulysses, as ilhas d'Eolo, de Calypso, de Circe, do Sol, a terra dos Cyclopes, a dos Cymmerios, a ilha d'Eœa, que é a Sicilia desfigurada a ponto de quasi se não conhecer, são imaginarias ou parecem situadas nos confins da navegação d'aquelles tempos. Dos paizes que realmente existiam os mais bem descriptos na Iliada são quasi desconhecidos na Odysséa; o Bosphoro é confundido com o estreito de Sicilia; e as rochas azues da entrada do Mar Negro com as de Seylla e de Charybdes. O Olympo, verdadeiro na Iliada, é na Odysséa um monte ideal, sem situação determinada e cuja existencia é impossivel. Mas não acontece já o mesmo com a Grecia, Thebas, a Beocia, e o Parnasso, que o auctor viu, e tambem com o Peloponeso: toda a costa occidental pinta-a elle com a maior exactidão, bem como as ilhas e d'entre ellas a de Itaca, centro da acção de todo o poema. Ha toda a razão para crer que a Odysséa foi escripta no oeste da Grécia. A conclusão é a mesma quando estudamos nas duas epopéas as comparações, isto é, os lugares em que o poeta se dirige, em seu nome, aos que o ouvem e lhes cita objectos familiares a uns e outros. N'este ponto o contraste é bem patente. Na Iliada as imagens mais frequentes são tiradas do leão, animal asiatico e extranho á Europa em todo o periodo geologico actual. N'este poema o leão serve a todo o momento de termo de comparação: é elle que attaca os animaes selvagens e os rebanhos, é elle que desce ás planicies para roubar os bois e os outros animaes agricolas, é elle finalmente que é perseguido pelos caçadores de diferentes maneiras conhecidas tanto do auctor como dos seus ouvintes. N'este ponto, de cacadas, encontramos a do veado, do javali, do lobo, do toiro, do leopardo, e da panthera, pertencendo, como se vê, alguns d'estes animaes á Asia. Emfim, no canto XXI achamos a descripção da praga dos gafanhotos, phenomeno que eu presenciei na planicie de Troia, e que é absolutamente desconhecida na Grecia e nas suas ilhas. Na Odysséa já não ha toiros selvagens, nem lincees, nem pantheras, nem leopardos, nem gafanhotos. Falla-se do leão em cinco comparações; tres d'ellas representam-n'o um pouco vagamente e as duas restantes são falsas. Se a Iliada é um poema da Asia Menor e a Odysséa um das ilhas jônicas, esta distancia, no estado da navegação d'aquelle tempo, era para os gregos como é para nós a que medeia entre Bordéos e o Brazil.

O intervallo das duas épocas tambem não é pequeno. Não possuímos dado algum historico a respeito da idade dos dois poemas; podemos fazel-os recuar ou avançar n'um espaço de 400 ou 500 annos. Portanto, para resolver a questão temos de examinar o contendo das duas obras e de as comparar entre si. N'este caso as differenças formam um contraste completo. No intervallo que vae d'um a outro poema os deuses mudaram de natureza, de figura e de habitação. No mais antigo Minerva é uma mulher guerreira e de genio indomito que cobre com o capacete e a lança uns poucos de batalhões, Marte, bellicoso e odiado, com um só brado lança por terra um exercito inteiro; Vulcano, apesar de coxo e ridiculo, é forte, e Charis, sua esposa, é tão casta como formosa; todos os deuses habitam em com-

mum o Olympo verdadeiro da Bithynia, ultimo pico da cadeia asiatica que principia no Hymalaya; a sua dynastia ainda não está constituida, a partilha do mundo entre elles não está assento definitivamente; Neptuno não reconhece ainda a supremacia de Jupiter: para completar o quadro diremos que são ainda os velhos Titães os encarregados da alta policia da cõrte celeste.

Na segunda epopéa está já tudo mudado: Jupiter é reconhecido por todos como senhor, reina a paz no Olympo, a razão e as concessões cederam o campo á usurpação, abrandou-se o natural rude d'aquelles deuses que se combatiam á pedrada. Minerva está tranquilla e é toda intelligencia; o character de Vulcano revestio-se de nobresa, mas o deus tem por esposa uma Aphrodite libertina; desapareceram os Titães; os deuses habitam agora n'um Olympo phantastico que se eleva por sobre as nuvens, e os ventos, um verdadeiro empyrio como o Borj dos Persas e o Mèrou dos Indios.

Na Iliada os costumes dos homens são grosseiros, cada um obedece á sua organização, e aos seus instinctos; os heroes injuriam-se nos termos mais baixos da lingua do povo, não formam idéa das leis do casamento, e tem umas poucas de mulheres, além da que deixaram no seu paiz, e este procedimento não attráe sobre elles censura alguma; não é o merecimento moral que constitue o valor da mulher que o deve só á sua formosura e aos seus talentos manuaes.

No poema de aventuras, a vida tornou-se elegante, como, por exemplo, se nota no episodio da Alcinoos; tudo respira a polidez e a delicadezas maneiras e dos sentimentos; a sociedade está civilisada; já foi invadida pelo luxo; Venus usa de carmim. Penelope, Arété, e Nausicaa devem á virtude o seu merecimento. Encontra-se por acaso na Iliada alguma mulher que com ellas se pareça?

A constituição social tambem é diferente; sofreu modificações na passagem da Iliada para a Odysséa. Aquella é um quadro completo do feudalismo; o povo é nada, não se vê; é devorado pelos reis, retalhado a seu bello prazer, maltratado pelo rei Priamo; não tem direitos, nem consideração. Os principes são eguaes entre si, independentes nos seus dominios, sem darem contas a ninguem, no pleno gozo do seu direito divino cujo emblema está no sceptro dado por Jupiter. Estes regulos reúnem-se sob o commando de Agamemnom, seu igual, como Achilles lhe diz, e que elles escolheram para chefe do exercito na expedição contra Troia.

Na Odysséa os reis governam, mas apoiando-se no povo; este é sempre consultado; é dono dos seus haveres; vota o imposto; é temido. Quando Telemaco se sente opprimido pelos seus vizinhos, ameaça-os de recorrer ao povo; emfim o ideal d'um rei d'aquelle tempo está desenhado no canto XIX, e este retrato não se parece em coisa alguma com o que se póde tirar da Iliada.

Para completar o contraste, até os grandes reis da época heroica, e d'entre elles Meneláo, tornaram-se negociantes. O commercio na Iliada é apenas rudimentar, o boi é a unidade monetaria, o trafico maritimo é quasi nullo, e anda nas mãos dos orientaes, sobre cujos paizes correm as idéas mais absurdas.

No romance de Ulysses os gregos já frequentam as terras do sul e sueste do Mediterraneo. são elles que fazem a navegação entre Creta e o Egypto onde encontram negociantes e piratas, e onde traficam com os Phenicios cuja probidade elles tem em muito pouca estima. Este commercio consta de muitos generos mas principalmente de metaes cujo transporte e troca trazem aos maritimos grandes vantagens.

Otfried Muller tambem não notou a completa mudanca que se effectuou durante este periodo na poesia epica. Na Iliada não ha um só poeta, nem lenda alguma relativa á poesia; não ha mesma palavra que a designe nem nome para os que compunham cantos. Aquelle é o estado rudimentar por excellencia. Em compensação este poema mostra-nos os enviados dos gregos encontrando a Achilles na sua tenda, de cithara na mão e cantando as proesas dos heroes; de frente d'elle e ouvindo-o está o seu amigo Patroelo. Portanto Achilles era um cantor epico, um cantor de cantilena, como os senhores do tempo de Pepino e de Carlos Magno. E todas estas narrações, e estes episodios postos na bocca dos velhos, o que são senão rudimentos de epopéa? Por isto se vê que provavelmente a Iliada foi o resultado da reunião d'estas cantilenas primitivas, algumas d'ellas amplificadas, como acontece ás outras canções de feitos e aos *puranas* do Oriente. Quando appareceu a Odyssea já os elementos epicos tinham tomado maiores proporções. Não era já a narração ininterrupta em que os acontecimentos se seguem pela sua ordem chronologica admittindo todos os episodios que se podem imaginar, era um verdadeiro poema de composição complexa, em que os acontecimentos estão dispostos em series que se cruzam, sem ordem chronologica e combinados de forma que produzam o maior effecto possível. A acção é posta em scena com todo o cuidado, a exposição é igual á das melhores tragedias, não ha parallellismo nenhum, a unidade de composição é consequencia d'uma contextura bem urdida, os acontecimentos agrupam-se em series complexas em volta das *epocas* e, finalmente, vem o desenlace que termina o poema, e depois do que o leitor não tem direito a esperar coisa nenhuma.

Como no tempo dos romances de aventuras e do Râmâyana, os poetas epicos formam já uma classe áparte na sociedade, são os *aedos*; na India chamavam-lhes *kavis*, na idade media são os *Jongleurs* (joculatores).

Na Iliada vemos que nenhum dos cantores é homem do povo; a cithara só vae ás mãos dos heroes: na Odyssea succede o contrario: os *aedos* são todos sem excepção homens da plebe; vivem quasi sempre na corte dos principes, que são *out-filhos* ou descendentes dos antigos heroes; não jantam á meza dos amos, que os mantem, pelo preço da sua liberdade, que perderam a ponto de nem poderem escolher o assumpto dos cantos com que devem alegrar os banquetes. Apesar d'isso são respeitadas e honradas; nas luctas dos reis são poupados e considerados como estranhos a ellas, e como a sua arte os colloca acima dos principes e da multidão d'onde saíram chegam até a consideral-os como inspirados pelas musas e por Apollo.

Quanto tempo decorreu desde a época da Iliada até á da Odyssea?

Ignoro-o; mas considerando as profundas alterações que se deram nas idéas religiosas, sociais e politicas, o caminho percorrido pela epopéa do oriente para o occidente, e emfim a grande transformação operada na poesia e no viver dos poetas, julgo, com a maior parte dos criticos modernos, que ha entre os dois poemas o mesmo intervallo de tempo que entre as duas epopéas indianas e que entre as primeiras canções de feitos e os romances de aventuras — alguns seculos. Porque é necessario não nos iludirmos com a ordem que reina no andamento dos dois poemas homericos e o pequeno numero de contradicções que lhes notamos; os textos que possuímos estão bem longe dos primitivos. Quando os professores do museu d'Alexandria reviram aquellas obras e lhes deram uma nova forma, já ellas tinham sido objecto de igual trabalho por parte dos editores da Grecia e das suas colonias. Estes retoques successivos tinham se repetido durante quasi quatro seculos, desde o tempo de Pisistrato, que mandou fazer a primeira redação seguida dos fragmentos homericos que se achavam então na maior confusão. O que nós possuímos é obra dos Alexandrinos: todos os trabalhos anteriores só os conhecemos pela historia, e assim as nossas edições modernas, copias fideis dos textos de Alexandria, por certo differem muito dos cantos dos aedos e das cantilenas heroicas que estão fundidas na Iliada.

O remedio mais soberano que conheço contra as emoções subitas de impaciencia é o silencio tranquillo e sem fel.

Em poucas palavras que se profiram o amor proprio insinua-se e escapam inconveniencias, que lançam a amargura no coração. Quando não se dá uma palavra sequer, e se sorri, a tempestade passa, cala a colera e indiscripção e gosa-se uma pura e duravel alegria....

.....Qualquer que tenha affabilidade christã tem o coração bondoso para todos e perdoa e desculpa a fragilidade dos outros. Testemunhando a bondade do-seu coração, por uma affavel benignidade, que influe nas suas palavras e acções, acha tudo agradável e interdiz-se a todo o discurso secco, bruceo e imperioso. Tem sempre estampada na fronte uma amavel serenidade, e não tem nunca semelhança com as pessoas que não lançam senão olhares furiosos e que não sabem senão recusar, ou que concedem de má vontade, destruindo assim todo o merito do beneficio concedido.

S. FRANCISCO DE SALLES

O antigo editor do **Panorama**, desejando proporcionar aos actuaes srs. assignantes, e mesmo a quaesquer outras pessoas que o não sejam, a maneira de poderem possuir, sem grande sacrificio a colleção completa deste interessante jornal, que conta hoje **15 volumes** publicados, deliberou, para esse fim, abrir nova assignatura, não alterando o preço que teve a antiga, sendo o custo de cada volume broxado 1300 réis, e encadernado 1600 réis, isto unicamente para aquelles que se inscreverem como assignantes. As pessoas que assignarem para esta obra receberão um ou mais volumes cada mez, conforme melhor lhes convier, sendo o importe dos mesmos pago no acto da entrega. E as que tenham a colleção do **Panorama** incompleta, podem da mesma forma assignar para os volumes que lhes faltarem, bem como para qualquer numero que lhes faltar.

**As assignaturas fazem-se nos seguintes locais:**  
Rua Aurea n.º 132 e 134; na redacção do PANORAMA, rua do Thesouro Velho n.º 6; e em todas as mais livrarias.

De quaesquer outras terras do reino podem dirigir-se, em carta franca, com o importe da assignatura em valles do correio, ao antigo editor, rua Aurea n.º 132, accresce ao preço da assignatura, o porte do correio que é de 250 para os volumes em broxura e 310 réis para os encadernados.

Em Coimbra, Porto, Braga e Vianna, em todas as mais.

Typ. Franco-Portugueza — Rua do Thesouro Velho n.º 6.